

Universidade Popular dos Movimentos Sociais/Popular University of Social Movements

Oficina “Cartas aos Europeus”/Workshop “Letters to the Europeans

23 e 24 de Fevereiro de 2013/2013, February 23 and 24

Casa da Nora

Leiria

Portugal

Sumário Executivo/Executive Summary

2013



Sumário Executivo

A 23 e 24 de Fevereiro de 2013, 17 mulheres e 15 homens, actuantes em mais de uma quinzena de movimentos sociais estabelecidos na Europa, reuniram-se na Casa da Nora, em Leiria (Portugal), para, colectivamente, concederem vida à primeira oficina da Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) sediada no continente europeu.

Esta oficina da UPMS nasceu de um repto lançado por Boaventura de Sousa Santos aos movimentos sociais que intervêm nesse continente. Boaventura de Sousa Santos desafiou os últimos a redigirem cartas endereçadas às europeias e aos europeus, sob o mote “se a Europa pudesse aprender com a experiência do mundo, que lições concretas lhe seriam mais úteis?”.

O desafio impresso nas “Cartas aos Europeus” recebeu fôlego do encontro entre a UPMS e o Projecto “ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas: Definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiência do Mundo”. Da resposta dos movimentos sociais a esse desafio brotou um questionamento crítico do que é, afinal, a Europa, e de quem serão, enfim, os europeus.

Sob os olhares diversamente situados dos movimentos sociais que aceitaram o repto das “Cartas aos Europeus”, a imagem oficial da Europa viu-se desmontada e reposta por uma outra, esculpida essa por estratos múltiplos de origens históricas heterogéneas. Das “Cartas aos Europeus” emergiu, assim, uma Europa polifónica, intercultural, controversa e desigual.

Na sequência deste desafio, convergiram ao cenário rural da Casa da Nora, quinze movimentos sociais para um encontro residencial de dois dias. Oriundos de países europeus como a Espanha, França, Holanda e Portugal, mas também com afiliações com o Ecuador, a Argélia, a Bolívia ou o Suriname, entre estes movimentos sociais constavam: Assembleia de Apoyo a Bolívia, Centro Cultural Islâmico de Valência (CCIV), Decoloniality Europe, International Institute for Scientific Research (IIRS), Islamic Human Rights Commission, Juventud Sin Futuro, Parti des Indigènes de la République (PIR), Plataforma Afectados por las



Hipotecas e Coordinación Nacional de Ecuatorianos en España, Revista Rubra, Sindicato Andaluz de Trabajadores/as (SAT), SOS Racismo, Summer School on Black Europe, UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta, Sindicato USTEA – CI (Unión de Sindicatos de Trabajadoras y Trabajadores en Andalucía – Confederación Intersindical), Marea Verde, Uhuru Movement.

Tendo como sustento as cartas préviamente escritas pelos movimentos sociais, a oficina desenrolou-se entre sessões formais de trabalho e momentos de comensalidade e lazer, sendo que o diálogo e o inter-conhecimento perpassou tanto as primeiras, quanto os segundos, aprofundando, não obstante, vertentes distintas nuns e noutros. Em verdade, se as sessões de trabalho densificaram a palavra e o discurso da pertença e da diferença enquanto instrumento político de denúncia da violência e de reivindicação de direitos, os momentos de comensalidade e de lazer libertaram o riso e a música enquanto artesanias da inter-subjectividade num encontro de experiências vividas favorável ao sentimento da igualdade.

Em verdade, foi o encontro em redor da comensalidade que inagurou a oficina na véspera do primeiro dia de trabalhos com um primeiro contacto informal entre os participantes.

As sessões de trabalho formais tiveram, então, início na manhã de 23 de fevereiro com uma breve apresentação à UPMS por Boaventura de Sousa Santos e o estabelecimento entre os participantes de um acordo de convivialidade que, ao definir colectivamente os procedimentos relativos aos tempos do diálogo e aos instrumentos de memória da oficina, visou criar as condições para a indispensável confiança mútua entre pessoas com histórias e pertenças diversas.

A oficina teve início, em seguida, com uma sessão de inter-conhecimento, vocacionada para a criação de inteligibilidade recíproca, em que cada participante se apresentou formalmente ao colectivo, juntamente com uma breve descrição da sua luta. Nesta sessão, emergiram bandeiras de luta variadas, algumas entrecruzadas, outras mais apartadas, tais como: a luta contra a islamofobia, a luta contra o racismo, a luta pela justiça social, a luta pela igualdade de oportunidades para as minorias, a luta pela descolonização do conhecimento, a luta por uma organização política descolonial, a luta pela reparação, a luta pela igualdade através da

revolução, a luta pela terra para quem a trabalha, a luta pela dignidade e pela soberania, a luta por uma educação pública e pela renovação pedagógica, a luta pelos direitos dos trabalhadores, a luta feminista, a luta pela auto-determinação e a luta contra o capitalismo global.

Esse momento de inter-conhecimento cedeu passo a uma segunda sessão de trabalho colectivo, organizado entre quatro grupos. Sendo este um momento forte de tradução intra e inter-cultural, buscaram-se, nele, identificar possíveis convergências entre os diferentes movimentos sociais, em torno de uma discussão sobre as suas forças e fraquezas.

Depois de uma tarde intensa de diálogo dentro dos quatro grupos, o colectivo da oficina reuniu-se numa plenária na qual foram identificados como principais obstáculos à actuação dos movimentos sociais na Europa: a dificuldade de organização interna e de implementação de uma estratégia de comunicação das lutas ao público alargado; a repressão económica e política exercida tanto pelo imperialismo neoliberal, quanto pelos Estados; a ascensão da extrema-direita; o difícil diálogo entre a esquerda política e o Islão; a carência de um código jurídico que descolonize os direitos humanos a par com instrumentos para o fazer cumprir; a carência de uma educação comunitária a cargo do povo; a dificuldade de levar a cabo acções directas revolucionárias.

Nessa mesma plenária, emergiram, igualmente, alternativas promovidas a partir de baixo nesta Europa controversa, demonstrando tanto as forças dos movimentos sociais, quanto a vitalidade de um pensamento contra-hegemónico que resiste à ideia de que não existem alternativas. Entre propostas já implementadas no espaço de actuação dos movimentos e utopias realizáveis, mas incluindo, ainda, estratégias de comunicação e de transformação política inovadoras como o testemunho, os quatro grupos de trabalho sinalizaram com principais forças dos movimentos sociais: novas formas de organização social, económica e política; novas formas de luta não violenta; a acção directa; propostas concretas realizáveis; uso da experiência pessoal para despertar a consciência pública; a ruptura com a concepção hegemónica de direito; o encontro entre diferentes tradições da luta social.

No segundo dia de trabalhos, a 24 de Fevereiro, a sessão de trabalhos, realizada durante a manhã, ocupou-se do mote desta oficina: as “Cartas aos Europeus”. Conceitos chave do consenso europeu como direitos, cidadania ou mesmo a crise económica e financeira actual, foram suspensos, interrogados e desfeitos por críticas dos movimentos. Essas críticas partiram de lutas situadas, revelando como a própria denúncia é multifacetada, por um lado, e como as lutas sociais na Europa reflectem a própria heterogeneidade da Europa como um espaço controverso em que diferentes concepções de emancipação podem, por vezes, colidir entre si, como no caso das tensões expressas entre secularismo e religião ou entre classe e raça.

Assim, e tomando como exemplo um conceito caro à identidade oficial europeia, a ideia de direitos viu-se fragmentada pela crítica contra a perda de direitos adquiridos (em particular os direitos sociais), pela crítica contra a desigualdade na aplicação desses mesmos direitos (sendo que os mesmos direitos não são acessíveis a todos), e pela crítica contra a própria concepção hegemónica e eurocêntrica de direitos (da qual são excluídas comovisões que denunciam o princípio da discriminação que acompanha a pretensa igualdade jurídico-legal de matriz universalista entre sujeitos).

Da mesma forma, o espectro da crise económica e financeira foi interpelado a partir de uma crítica política à governação capitalista neoliberal, ao mesmo tempo que uma crítica que denunciava, antes, os pilares colonialistas dos Estados europeus, afirmava a necessidade de situar a discussão no plano da epistemologia. Se a primeira crítica reivindicou novas formas participativas e directas de democracia, a segunda clamou por e uma descolonização epistémica e política.

No seio desses debates emergiu uma pergunta forte de difícil resposta, a saber: para falar da Europa não será preciso saber quem está dentro e quem está fora da Europa, ou por outra, quem se encontra incluído nessa ideia oficial de um espaço de direitos e quem se encontra irremediavelmente excluído do mesmo? Para essa pergunta foram convocados e colocados frente a frente os conceitos de classe e de raça numa discussão sobre os mecanismos de diferenciação e de gestão da exclusão. Se essa tensão entre a classe e a raça se mostrou irresolúvel, pôde-se, ainda assim, chegar a um consenso de que a crise, denunciada pelos movimentos sociais como



esgotamento do sistema eurocêntrico, colonialista e capitalista que sustenta a governação neoliberal, vem turvando as fronteiras entre quem se encontra dentro ou fora do contrato social europeu. Por fim, nessa tensão, lugares de enunciação diferenciados encontraram-se na convergência em torno da educação como arena crucial para a criação de novas gramáticas, quadros institucionais e experiências de democracia.

A este intenso debate, seguiu-se a identificação derradeira das ausências na oficina, em que os participantes sinalizaram a ausência de mais de 45 organizações e movimentos sociais, desvelando a vitalidade, nem sempre visível, da mobilização social no espaço que desenha a Europa a partir de baixo.

Nos encaminhamentos da oficina, deliberou-se a revisão das “Cartas aos Europeus” após esta oficina de inter-conhecimento entre movimentos sociais heterogêneos, cujo resultado se encontra num livro, disponível em: <http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/alice-work/letters-to-european/?lang=pt>.

Para assistir ao vídeo sobre esta oficina da UPMS, ver: <http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/portugal/upms-leiria-february-2013/?lang=pt>.



Executive Summary

On February 23 and 24 (2013), 17 women and 15 man, engaged with more than 15 social movements established in Europe, gathered at Casa da Nora, in Leiria (Portugal), to jointly spring life to the first workshop of the Popular University of Social Movements (UPMS - Universidade Popular dos Movimentos Sociais) held in the European continent.

This workshop was born from the proposal introduced by Boaventura de Sousa Santos to the social movements that act on the European continent. Boaventura de Sousa Santos invited the former to write letters to the Europeans, from the idea: “if Europe could learn from the experience of the world, what concrete lessons would be more useful?”

The challenge printed in the “Letters to the Europeans” was fostered by the encounter between the UPMS and the project ALICE – Strange Mirrors, Unsuspected Lessons: Leading Europe to a new way of sharing the world experiences. From the reply of the social movements to this challenge ensued a critical examination of what is Europe and who are the Europeans.

The disparately situated perspectives of the social movements that accepted the challenge of the “Letters to the Europeans”, dismantled the official image of Europe and replaced it by a counter-hegemonic one that displays how Europe is sculpted by multiple layers with heterogeneous historical origins. As such, from the “Letters to the Europeans” a polyphonic, intercultural, controversial and unequal Europe emerged.

Following the challenge introduced by Boaventura de Sousa Santos, 15 social movements assembled in the rural setting of Casa da Nora for a residential encounter of two days. Coming from different European countries, such as Spain, France, Holland and Portugal, but also having



affiliations with Ecuador, Argélia or Bolívia, the following social movements made their presence: Assembleia de Apoio a Bolívia, Centro Cultural Islâmico de Valência (CCIV), Decoloniality Europe, International Institute for Scientific Research (IIRS), Islamic Human Rights Commission, Juventud Sin Futuro, Parti des Indigènes de la République (PIR), Plataforma Afectados por las Hipotecas e Coordinación Nacional de Ecuatorianos en España, Revista Rubra, Sindicato Andaluz de Trabajadores/as (SAT), SOS Racismo, Summer School on Black Europe, UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta, Sindicato USTEA – CI (Unión de Sindicatos de Trabajadoras y Trabajadores en Andalucía – Confederación Intersindical), Marea Verde, Uhuru Movement.

Feeding from the letters previously written by the social movements, the workshop unfolded amid formal work sessions and commensality and leisure moments. The dialogue and inter-knowledge spanned both dimensions, deepening different viewpoints in each one. In truth, if the formal work sessions deepened speech and, in particular, the discourse of belonging as a political instrument for denunciation and rights' claiming, the commensality and leisure moments released laughter and music as craftsmanship of inter-subjectivity in an encounter of lived experiences that was particularly favourable for sharing feelings of equality.

In fact, the opening of the workshop during the day before the first day of work took place in a first informal contact between the participants around commensality.

The formal work sessions then began in the morning of February 23, with a brief introduction to the UPMS by Boaventura de Sousa Santos and with the establishment among the participants of a conviviality agreement. The former is aimed at creating the conditions required for the indispensable mutual trust among persons with different histories and belongings. As such, it collectively defined the procedures regarding the duration of the dialogues and the instruments of the workshop's memory.

The workshop began with a session of inter-knowledge aimed at creating reciprocal intelligibility. During this session, each participant formally presented her/himself to the collective, along with a brief description of his/her struggle. In it, a great diversity of banners

emerged, some of them more close to each other, and others more apart: the struggle against islamophobia; the struggle against racism; the struggle for social justice; the struggle for equal opportunities; the struggle for decolonizing knowledge; the struggle for a decolonial political organization; the struggle for reparation; the struggle for equality through revolution; the struggle for land; the struggle for dignity and sovereignty; the struggle for a public education and for the reform of pedagogy; the struggle for worker's rights; the feminist struggle; the struggle for self-determination and against global capitalism.

This moment of inter-knowledge gave way to a second collective work session that was organized in four working groups. Potential convergences among the different social movements were searched for, around a discussion about the weakness and strengths of social movements, in a moment strongly made of intra and intercultural translation. After an intense afternoon of hard work within the four groups, the collective of the workshop gathered in a plenary session during which the following main obstacles to the action of social movements in Europe were identified: the difficulties faced in the internal organization of social movements and in the implementation of a strategy of communication of their struggles to the wider public; the economic and political repression exercised inasmuch by neoliberal imperialism as by States; the rising of the extreme-right; the problematic dialogue between political left and Islam; the lack of a juridical code which might decolonize human rights and of the instruments that might assure the former's appliance; the lack of a communitarian education; the difficulty to carry out direct and revolutionary action.

In that same plenary session, alternatives promoted from below also emerged in this controversial Europe, displaying at the same time the strength of the social movements and the vitality of a counter-hegemonic thought that resists the idea that there are no alternatives. Among already implemented proposals in the space of action of social movements and achievable utopias, but also including innovative strategies for communication and political transformation, the four working groups signalized as the main strengths of the social movements: new forms of social, economic and political organization; new forms of non-violent struggle; direct action; achievable and concrete proposals; the use of personal experience to awaken the public



conscience; the rupture with the hegemonic conception of law; the encounter between different traditions of social struggle.

In the second day of work, February 24, the formal work session was devoted to the theme of the workshop: the “Letters to the Europeans”. Key concepts of the European consensus such as rights, citizenship or the economic and financial crisis, were suspended, questioned and dismantled by the critique undertaken by the social movements. This critique that derived from situated struggles, revealed, by the one hand, how denunciation is multifaceted, and how the social struggles in Europe display Europe’s heterogeneity. The former appeared as a controversial space in which different conceptions of emancipation sometimes collide, as is the case of the tensions between secularism and religion or between class and race.

In order to illustrate this, it is here taken as example a concept most dear to the official European identity: the idea of rights. In this workshop, the idea of rights was fragmented by the critique against the loss of already acquired rights (in particular social rights), by the critique against the unequal application of rights (the same rights aren’t accessible to all people), and by the epistemological critique against the hegemonic and Eurocentric conception of rights (from which cosmovisions that expose the principle of discrimination that is at the core of the alleged juridical and legal equality of rights are excluded).

By the same token, the phantom of the financial and economic crisis was simultaneously approached from a political critique of the neoliberal governance and by an epistemological critique of the colonialist roots of western modern States. If the first critique demanded new forms of participatory and direct democracy, the second one claimed for an epistemic and political decolonization.

At the centre of these debates a strong question of difficult answer emerged: in order to speak about Europe mustn’t we know first who is inside Europe and who is outside Europe, that is to say, who is included in the official idea of Europe as a space of rights and who is excluded from it? Faced with such question, the concepts of class and race were put face to face in a discussion about the mechanisms that produce difference and generate exclusion. If such tension



between class and race didn't reach a resolution at this workshop, it was nonetheless consensual that the financial and economic crisis (denounced by the social movements as a breakdown of the Eurocentric, colonialist and capitalist system that sustains the neoliberal governance) is blurring the frontiers between who is inside the social contract and who is outside it. Finally, within this tension, distinct places of enunciation converged around the idea that education is as a crucial arena for the creation of new grammars, institutional frames and experiences of democracy.

To this intense debate followed the final identification of the absences in the workshop. In it the participants signalized the absence of more than 45 organizations and social movements, unveiling, in this way, the vitality, not always visible, of the social mobilization in the space that is producing Europe from below.

On the final deliberations of the workshop, the revision of the "Letters to the Europeans", after the process of inter-knowledge between heterogeneous social movements, was agreed upon. The revised "Letters to the Europeans" can be found in: <http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/alice-work/letters-to-european/>.

To watch the video about this workshop of the UPMS, go to: <http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/portugal/upms-leiria-february-2013/>.